

**Viajando pela Vila de Barbacena: possibilidades de história regional para Minas
oitocentista sob o olhar dos viajantes.**

Adriano Braga Teixeiraⁱ

Resumo: Desde a década de 80 do século passado, a historiografia mineira passou por mudanças de rumos relacionados principalmente pela maior dedicação de historiadores a uma perspectiva regional de estudo que permite uma reformulação do conhecimento de uma “história geral”. Desta forma, inserindo-se nesta perspectiva este texto tem por objetivo lançar luz a formação da Vila de Barbacena na transição do século XVIII para o XIX através de relatos de viajantes estrangeiros que pela colônia passaram, perpassando considerações acerca de uma denominação de região entre os espaços mineiros.

Palavras-Chave: Minas Gerais, Viajantes, Vila de Barbacena, História Local.

Ao falar da sociedade mineira do século XIX, a princípio os pesquisadores se deixam influenciar por uma historiografia tradicional vinculada a perspectiva de uma estagnação econômica iniciada com o declínio da atividade mineradora do século XVIII.

No entanto, sem desconsiderar a importância da mineração para a formação da Capitania das Minas Gerais, a partir da década de 1970, historiadores insatisfeitos com as generalizações feitas acerca da história mineira e influenciados pelas novas abordagens da Escola dos Annales desenvolveram pesquisas optando por um recorte regional.ⁱⁱ Este tipo de recorte veio a favorecer a reconstituição de situações locais que revelaram a complexidade do sistema sócio-econômico da Capitania, uma vez que percebemos uma valorização maior de uma “lógica interna” da colonização em contraposição a tradição de longa data ligada à “visão plantacionista” do sentido da colonização.

Impulsionado por esta tendência regionalista, surgiu nosso objetivo de pesquisa no Mestrado de fazer um estudo sobre a Vila de Barbacena, localizada na sub-região das Vertentes-Mantiqueira de Minas Gerais, resgatando aspectos da sua formação (1791) à sua estrutura na primeira metade do século XIX. O nosso objeto foi justificado pela importante localização geográfica desta Vila no Caminho Novo e por haver poucos estudos que denotem os méritos desta região para a formação econômica da Capitania. Neste sentido este texto nos traz algumas reflexões através do olhar de viajantes estrangeiros como os primeiros apontamentos de nossa pesquisa que está em curso.

Com a vinda da Corte em 1808, o Brasil é aberto ao estrangeiro para o comércio, exploração e o estudo de seu território. Este período representou o auge da literatura sobre o Brasil na Europa.

Particularmente a Capitania de Minas Gerais foi alvo de muitos estudos. Tem-se um número considerável de viajantes que, não importando sua formação, estiveram aqui e depois relataram tudo o que viram e ouviram. Segundo Francisco Iglesias, Minas possui uma enorme dívida aos viajantes em geral.

Será com o auxílio desses relatos que, na pesquisa do mestrado, procuraremos entender como se deu a inserção da Vila de Barbacena dentro dos circuitos comerciais entrecruzando suas informações às encontradas com nas fontes manuscritas como inventários post-mortem, sesmarias e dízimas prediais. No atual estágio da pesquisa ainda não nos é possível fazer tais inserções, contudo, através dos relatos que levantamos dos viajantes que pela Vila passaram, já podemos ter uma visão do espaço social e econômico que aparecia a estes estrangeiros, mesmo que estes estivessem imbuídos de preconceitos.

Em sua tese de doutorado, Clotilde Paivaⁱⁱⁱ utilizou-se de uma percepção de regionalização baseada no trabalho de Marcelo Godoy, onde o mesmo propôs uma divisão do espaço provincial mineiro em regiões a partir de informações fornecidas pelos relatos de viajantes estrangeiros. Segundo a autora, Godoy fez uma leitura dirigida de vários viajantes, traçou seus itinerários e organizou o espaço tendo em vista a convivência de elementos físicos, demográficos, econômicos, administrativos e históricos contemporâneos na primeira metade do século XIX mineiro. De acordo com este trabalho, as regiões com maior desenvolvimento no espaço mineiro, e que mais foram visitadas pelos viajantes fora o Sudeste, Mineradora Central Oeste, Diamantina e Intermediária de Pitangui-Tamanduá^{iv}. Dentre estas a que mais nos interessa no momento é a região Sudeste que então engloba a Vila de Barbacena. Esta região possuía vigorosa atividade comercial, era importante região de entreposto, possuía um considerável número de núcleos urbanos, poucos, no entanto, com mais de uma centena de casas. As atividades agropecuárias de exportação predominavam nas áreas mais afastadas das vilas. Enfim, a Vila de Barbacena integrava

uma região econômica que no século XIX estava mais organizada mediante suas formas de ocupação e produção no século XVIII estarem associadas à extração aurífera ou a atividades econômicas de apoio à atividade nuclear.

Tendo como base esta regionalização acima exposta e reduzindo o olhar dos viajantes não somente para a região Sudeste como um todo, mas agora somente sobre a Vila de Barbacena, podemos perceber como este espaço em muito sintetiza as conclusões que PAIVA, auferiu. Com a vinda da família real para o Brasil, Minas Gerais passou a representar um importante papel de mercado abastecedor da Corte^v. Possuía três caminhos que a interligavam com o resto da colônia facilitando a formação de uma rede mercantil de entradas e saídas de mercadorias destinadas ao abastecimento do Centro-Sul^{vi}.

Por estar localizada no Caminho Novo, Barbacena era uma região de entreposto contando com uma ativa participação no Comércio. Robert Walsh, em sua viagem as Minas, observou ao passar por Barbacena que:

A circunstância que conferiu maior importância à cidade foi a sua localização na estrada que liga a capital à Província de Minas Gerais, no ponto onde se bifurcam as estradas que vão para São João Del Rei e Vila Rica, tornando-se assim um centro de ligação entre as mais importantes regiões da província, convergindo para ali sal e artigos manufaturados tanto nacionais quanto estrangeiros^{vii}.

Barbacena nos idos de 1822-1823 era um local agradável, contava com cerca de duzentas casas e uma população de aproximadamente 2.000 pessoas. Possuía várias lojas muitas bem sortidas, vendas e hospedarias que eram de muita utilidade para os tropeiros, pois depois de vários dias de viagem encontravam aí tudo o que precisavam para se abastecer^{viii}.

A cidade estava inserida dentro dos circuitos mercantis mineiros, exportando para o rio de Janeiro toucinho, queijo, algodão, gado bovino, mulas, galinhas e distribuindo dentro da comarca mercadorias européias, sobretudo portuguesas e inglesas como chitas, panos, rendas, utensílios de ferro, vinho, cerveja, licores entre outros^{ix}. Segundo Robert Walsh , John Mawe em sua passagem por Barbacena em 1809, relatou que já nesta época era possível encontrar nas vendas da cidade, vários artigos ingleses.

A maior parte das pessoas que participavam do comércio em Barbacena, controlava as fases de produção, transporte e vendas das mercadorias o que proporcionava altas fontes de acumulação já que os lucros gerados nas transações eram retidos e aplicados na região^x.

Como Barbacena está situada em uma região de vastos campos, a criação de gado era uma atividade muito apropriada. Utilizavam o gado leiteiro para a produção de queijo, que era exportado para a capital do Império^{xi}. O gado vacum também era criado e sua carne igualmente destinada ao Rio de Janeiro^{xii}.

Ao chegar em Barbacena em 1822, Saint-Hilaire se admira com a vasta plantação de trigo que dividia espaço com macieiras, vinhedos, marmeleiros, ginjeiras, oliveiras e pereiras. Agrada-se com a paisagem dos campos de milho^{xiii} entremeados de pastos e moitas de arvoredos. Interessa-se pelo cultivo do linho, ainda pouco diversificado na região, já que as pessoas preferiam o algodão por ser de fácil manuseio.

Este algodão, como foi bem observado por Luccock em 1818 e Robert Walsh, era trabalhado em indústrias em que mãos-de-obra livres e escravas se uniam em um comércio exportador muito desenvolvido^{xiv}. John Luccock estando em Barbacena dirigiu-se a localidade de Registro Velho onde, *o objetivo principal de minha (sua) visita ao lugar era o de examinar a Fábrica de Tecidos de Algodão e Lã que por cinqüenta anos estivera em funcionamento, produzindo mercadorias afamadas por sobre grande extensão do território brasileiro*^{xv}.

Sobre a composição demográfica, depois de Saint-Hilaire, talvez fora o médico, mineralogista e botânico John Emanuel Pohl o que melhor pode descrever a composição da Vila. Em sua viagem do Rio de Janeiro à São João Del Rei passando por Barbacena em 1818, Pohl, informado por um comandante local, descreve como seria a composição da população da paróquia de Barbacena em 1815 conforme o Quadro 01 ilustra. Vale notar que o termo “paróquia” abarca uma região para além do distrito da Vila. Segundo Saint-Hilaire um raio de aproximadamente 10 léguas^{xvi}. Segundo Nestor Massena:

Durante o paróquiato de D. Agostinho Pita de Castro na Igreja Nova de Nossa Senhora da Piedade da Borda do Campo, (16-04-1786 a 23-09-1816) foram construídas na freguesia as seguintes capelas: Santo Antônio de Bertioga (depois Ibertioga), em 1787, a seis léguas de distância da Matriz; Nossa Senhora Mãe dos Homens, no sítio Bom Jardim, 1789; Nossa Senhora Sant'Ana da Boa Vista, de 1789 a 1800; Nossa Senhora dos Remédios das Brejaúbas, distante quinze léguas da Matriz, em 1808; Nossa Senhora Sant'Ana do Barroso, em 1807; Nossa Senhora Sant'Ana do Garambéu, em 1808; Nossa Senhora das Dores do Rio do Peixe (depois Lima Duarte), distante dezessete léguas da Matriz, em 1808; Nosso Senhor dos Passos do Rio Preto, distante dez léguas da Matriz, em 1808; a do Quilombo, depois União, e hoje, Cidade de Bias Fortes, a onze léguas da Matriz, de 1809 a 1813; e Nossa Senhora da Oliveira dos Torres, em 1813^{xvii}.

Enfim, a paróquia incluía capelas de arraiais que com a criação da Vila vão pertencer à mesma. Para além disso, os dados já nos trazem também uma percepção da região, mesmo que no momento, ainda não dispormos de outros para podermos compara-lo.

Quadro 01 – População da Paróquia de Barbacena por Grupo/Condição Sócia^{xviii} – 1815.

Livres	Branços		Mulatos		Negros	
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
	2.422	2.453	1.226	1.337	265	384
Total	8.087 + 162 Índios e +140 Índias = 8.389					
Escravos			Mulatos		Negros	
			Homem	Mulher	Homem	Mulher
			497	498	2.724	2.768
Total			6.487			
Total Geral	14.876^{xix}					

Fonte: POHL, Johann Emanwel. **Viagem no interior do Brasil (1817-1821)**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976. p. 84. In: Quarta Secção: Viagem do Rio de Janeiro à São João Del Rei, passando por Barbacena.

Em uma constatação mais geral já podemos perceber a maior presença do segmento livre frente ao cativo. Isto sugere uma vinculação à características da população mineira no século XIX como um todo, pois, proporcionalmente o crescimento da população livre foi bem maior do que a escrava. Embora Minas fosse a maior Província escravista do Império, em números absolutos, não o era em termos proporcionais. Segundo Carla Almeida, enquanto a população cativa, na Capitania, cresceu, entre 1767 e 1821, 43,65%, a livre aumentou em 305,17%, demonstrando que o trabalho livre ganhava cada vez mais importância nas Gerais^{xx}. Outra característica bastante interessante é dentre os livres a maior presença do segmento branco, contudo o número de cativos não deixa de ser expressivo, principalmente quanto a sua

origem: a maioria é negra, ou seja, africanos. Isso demonstra a incorporação de escravos via o tráfico o que nos remete ao debate dos Martins e Slenes^{xxi}. A partir deste debate, mais recentemente, outros trabalhos acadêmicos também buscaram demonstrar a diversidade da economia mineira^{xxii}, tendo claramente optado pela busca de uma lógica interna da economia colonial, sendo esta matriz teórica inicialmente desenvolvida por João Fragoso e Manolo Florentino^{xxiii}. Principalmente o primeiro destes autores^{xxiv}, tendo desenvolvido trabalhos sobre os comerciantes na praça do Rio de Janeiro nos séculos XVII, XVIII e início do XIX, pôde observar que os ritmos da colônia não se equivalem às conjunturas internacionais, trabalhando com as possibilidades de criação de acumulações endógenas pelo mercado interno, gestação de um capital mercantil residente e ação de uma forte elite mercantil nas origens da produção agroexportadora. Vale ressaltar que o grande mérito destas novas abordagens principiadas pelos autores acima é claramente a opção pelo recorte regional que lhes permitiu testar generalizações mais amplas, através da utilização de dados de base, de fontes empíricas, possível somente por uma visão microscópica. E é este novo caráter dos enfoques da realidade colonial que maior influência tem inferido sobre a historiografia relativa à região das Minas.

Chama-nos muita a atenção nestes dados também a razão homem/mulher ser negativa em todos os segmentos, conforme o Quadro 02 demonstra.

Quadro 02 – Razão Homem/mulher – 1815

Grupo Social	Razão Homem /Mulher
Todos	96
Livres	94
Escravos	98

Fonte: POHL, Hohann Emanwel. Viagem no interior do Brasil (1817-1821). Belo Horizonte: Itatiaia, 1976. p. 84. In: Quarta Secção: Viagem do Rio de Janeiro à São João Del Rei, passando por Barbacena.

Sem termos outros dados confiantes para compara-los fica difícil saber até que ponto isso é um retrato da realidade de nosso objeto de estudo, contudo este fato não deixa de

sugerir que este novo espaço se tornava muito mais propício ao desenvolvimento de atividades que fossem um chamariz para as mulheres. Por enquanto, não tenho como explicar melhor este comportamento demográfico, e nem é este o nosso maior objetivo para o momento. Torna-se importante destacar que o crescimento econômico e demográfico da região de Barbacena teve como reflexo a conquista da autonomia política com a elevação do Arraial da Igreja Nova à categoria de Vila, com a denominação de Barbacena, e como se vê, em relação à Barbacena muito pouco se sabe. Enfim, estes apontamentos nos diz que concomitantemente com o decréscimo da mineração surgiu na província uma nova vila, que para sobreviver como tal pressupõe-se que tenha de ter havido um aumento demográfico e criação de novos mecanismos de abastecimento. Fica implícito aí uma perspectiva de desenvolvimento e não de estagnação econômica, como se costumou entender este período. Neste sentido fica os nossos questionamentos que esperamos estar respondendo ao término da pesquisa: quais os fatores de desenvolvimento da dita região que levou à criação da Vila na província mineira entre os séculos XVIII e XIX?; de que forma e, até que, ponto, esse processo esteve relacionado tão somente a fatores puramente econômicos e/ou também a relações políticos e sociais que imbricaram em tal procedimento?; que características sócio-econômicas perpassará a Vila mediante a sociedade colonial?.

Portanto, esperamos que a concretização desta pesquisa, que tem como recorte espacial a região da Vila de Barbacena, possamos delinear com mais clareza a importância econômica, política e estratégica dessa região no contexto da história brasileira e da capitania mineira, na transição do século XVIII para o XIX. Nesse sentido a História Regional em muito tem contribuído, principalmente na incorporação de novo corpus documental, uma vez que em nosso entendimento, essa é uma história de particularidades.

ⁱ Mestrando em História Social pela UFRJ.

ⁱⁱ Para uma visão ampliada dos novos debates ver: "Os velhos debates e as novas abordagens da historiografia mineira". (p. 09). In: OLIVEIRA, Mônica Ribeiro. **Negócios de Famílias: mercado, terra e poder na formação da cafeicultura mineira (1780-1870)**. Tese de Doutorado em História. Niterói: UFF, 1999.

ⁱⁱⁱ PAIVA, Clotilde Andrade. **População e economia nas Minas Gerais do século XIX**. São Paulo: USP, 1996. Ver principalmente os capítulos 04 e 05.

^{iv} Estas denominações das regiões seguem conforme consta no trabalho de PAIVA.

^v PAIVA, Clotilde Andrade. Op. Cit. P. 45.

^{vi} OLIVEIRA. Mônica Ribeiro de. Op. Cit. P. 115.

-
- ^{vii} WALSH, Robert. **Notícias do Brasil. Belo Horizonte**: Itatiaia, São Paulo: USP, 1985. P. 115.
- ^{viii} SAINT-HILLAIRE, August. **Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais**. Belo Horizonte: Itatiaia: São Paulo: USP, 1975. P. 61-63.
- ^{ix} LENHARO, Alcir. **As Tropas da Moderação**. São Paulo: Símbolo, 1979. p. 73.
- ^x OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de. Op. Cit. P. 106.
- ^{xi} BURYTON, Richard. **Viagem do Rio de Janeiro a morro Velho**. Belo Horizonte: Itatiaia: São Paulo: USP, 1976. P. 93.
- ^{xii} SAINT-HILAIRE in Suplemento Literário. **Minas Gerais: os viajantes estrangeiros**. 4 ed. Ano V. Belo Horizonte: 1970. P.6.
- ^{xiii} O milho era cultivado para alimentar os porcos criados em grande quantidade pelos lavradores, pois seus derivados (carne, gordura, toucinho), representavam em grande negócio exportador, conforme Mônica Ribeiro de Oliveira sugere em sua tese de doutorado (1999), quando fala de Barbacena.
- ^{xiv} LIBBY, Douglas Cole. **Transformação e trabalho em uma economia escravista**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- ^{xv} LUCCOCK, John. **Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia. São Paulo: USP, 1975. p. 356.
- ^{xvi} SAINT-HILLAIRE, August. Op. Cit. 1975. P. 61-63.
- ^{xvii} MASSENA, Nestor. **Barbacena – A Terra e o Homem**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1985. v.1. P. 249.
- ^{xviii} A distinção dos grupos sociais segue conforme indicação na fonte.
- ^{xix} De acordo com a soma do viajante a população seria de 14.064, contudo somando os dados parciais contidos em seu relato chegamos nesse outro total. Parece ter havido uma falha na soma parcial das mulheres.
- ^{xx} A este respeito, cf. CARRARA, Ângelo Alves. **Agricultura e Pecuária na Capitania de Minas Gerais (1674-1807)**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- ^{xxi} MARTINS, Roberto Borges e MARTINS FILHO, Amílcar. **A escravidão numa economia não exportadora: novas perspectivas sobre Minas Gerais no século XIX**; MARTINS, Roberto Borges. **A economia escravista de Minas Gerais no século XIX**. Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 1982. e SLENES, Robert W. **Os múltiplos de porcos e diamantes: a economia escravista de Minas Gerais no século XIX**. In: Cadernos IFCH_UNICAMP, Campinas, nº 17, jun. 1985.
- ^{xxii} ALMEIDA, Carla. **Alternativas nas Unidades Produtivas Mineiras – Mariana 1750/1850**; CHAVES, Cláudia. **Perfeitos Negociantes – Mercadores das Minas Setecentistas**; FURTADO, Júnia. **Homens de Negócio: A interiorização da metrópole e do comércio nas Minas setecentistas**; CARRARA, Ângelo. **Agricultura e pecuária na Capitania de Minas Gerais 1674/1807**. GRAÇA FILHO, Afonso. **A Princesa do Oeste: elite mercantil e economia de subsistência em São João Del Rei (1831-1888)**.
- ^{xxiii} FRAGOSO, João e FLORENTINO, Manolo. **O Arcaísmo como projeto: mercado atlântico, sociedade agrária e elite mercantil no Rio de Janeiro, 1790/1840**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1993.
- ^{xxiv} FRAGOSO, João Luís Ribeiro. **Homens de Grossa Aventura**. Acumulação e hierarquia na praça mercantil do Rio de Janeiro (1790-1830). 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 1998.